

## IGNEZ SABINO: INTERPRETAÇÕES SOBRE O BRASIL E UMA HISTORIOGRAFIA FEMINISTA NO SÉCULO XIX\*

*Laila Correa e Silva*<sup>1</sup>

**RESUMO:** A escritora baiana Maria Ignez Sabino Pinho Maia (1853-1911) dedicou-se ao estudo de trajetórias de mulheres brasileiras célebres em sua obra *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899). Lançamos mão de sua produção literária e jornalística para explorar a hipótese interpretativa de uma proposta de historiografia feminista atrelada ao projeto literário de Ignez Sabino. Para tanto, utilizaremos romances, poemas, contos, artigos e perfis biográficos publicados pela escritora na imprensa nacional e portuguesa, a fim de: 1) apresentar ao público leitor um panorama da extensa obra de Sabino e 2) mostrar como ela se articula à interpretação da escritora sobre a história do Brasil e o papel das mulheres na construção da política, da cultura e da sociedade brasileira, sobretudo no contexto de transição entre a Monarquia e a República, momento decisivo de reivindicação de direitos para as mulheres e embates travados pelo feminismo na imprensa nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** História das mulheres. Imprensa feminista. Literatura de autoria feminina.

## IGNEZ SABINO: INTERPRETATIONS ABOUT BRAZIL AND A FEMINIST HISTORIOGRAPHY IN THE 19TH CENTURY

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. E-mail: lailacorreaesilva@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2333-5351>.

**ABSTRACT:** The Bahian writer Maria Ignez Sabino Pinho Maia (1853-1911) dedicated herself to the study of the trajectories of famous Brazilian women in her work *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899). We made use of her literary and journalistic production to explore the interpretive hypothesis of a feminist historiography proposal linked to Ignez Sabino's literary project. For this purpose, we will use novels, poems, short stories, articles and biographical profiles published by the writer in the national and Portuguese press, in order to: 1) present to the readership an overview of Sabino's extensive work and 2) show how it articulates with interpretation of the writer on the history of Brazil and the role of women in the construction of politics, culture and Brazilian society, especially in the context of transition between the Monarchy and the Republic, a decisive moment in the claim of rights for women and clashes waged by feminism in the national press.

**KEYWORDS:** History of women. Feminist press. Literature by female authors.

## **IGNEZ SABINO: INTERPRETACIONES SOBRE BRASIL Y UNA HISTORIOGRAFÍA FEMINISTA DEL SIGLO XIX**

**RESUMEN:** La escritora bahiana Maria Ignez Sabino Pinho Maia (1853-1911) se dedicó al estudio de las trayectorias de famosas brasileñas en su obra *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899). Utilizamos su producción literaria y periodística para explorar la hipótesis interpretativa de una propuesta historiográfica feminista vinculada al proyecto literario de Ignez Sabino. Para ello, utilizaremos novelas, poemas, cuentos, artículos y perfiles biográficos publicados por el escritor en la prensa nacional y portuguesa, con el fin de: 1) presentar a los lectores una visión general de la extensa obra de Sabino y 2) mostrar cómo se articula con la interpretación de la escritora sobre la historia de Brasil y el papel de la mujer en la construcción de la política, la cultura y la sociedad brasileña, especialmente en el contexto de transición entre la Monarquía y la República, momento decisivo en la reivindicación de derechos para mujeres y enfrentamientos del feminismo en la prensa nacional.

**PALABRAS CLAVE:** Historia de la mujer. Prensa feminista. Literatura de autoría femenina.

## INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

Maria Ignez Sabino Pinho Maia (1853-1911), que assinava seus escritos apenas como Ignez Sabino, foi um exemplo notável do que a pena feminina poderia produzir na segunda metade do século XIX brasileiro, especialmente no âmbito da imprensa dedicada à defesa do sexo feminino, denominada imprensa feminista pela historiografia dedicada aos estudos sobre autoria feminina no Brasil.<sup>3</sup> A escritora colaborou ativamente em muitos jornais de grande circulação, com contos, poesias e artigos publicados no Brasil e em Portugal, no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* e no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*. Em *A Família: jornal literário dedicado à mãe de família* (1888-1897, São Paulo/Rio de Janeiro), fundado e dirigido por Josephina Álvares de Azevedo (1851-1913), amiga de Sabino, sua participação foi destacada, pois Sabino se tornou presidenta da Companhia Imprensa Familiar, sociedade anônima que incorporou o jornal da feminista recifense Josephina de Azevedo, em abril de 1891. Ademais, por meio das publicações de Sabino em *A Família*, algumas delas citadas aqui, poderemos acompanhar artigos ainda inexplorados pela historiografia, os quais lançam luz sobre a visão da escritora acerca da Proclamação da República (1889) e o início do governo republicano, compostos no calor dos acontecimentos e sob a influência de suas consequências mais imediatas para o movimento de mulheres do século XIX, um momento de embates e frustrações de projetos políticos gestados nas últimas décadas do século XIX.

---

<sup>2</sup> Este artigo baseia-se no capítulo 2 de minha tese de doutorado em História, intitulada *Dos projetos literários dos “homens de letras” à literatura combativa das mulheres de letras: imprensa, literatura e gênero no Brasil de fins do século XIX*. Conferir Silva (2021).

<sup>3</sup> A imprensa feminista da segunda metade do século XIX brasileiro era composta por jornais fundados e dirigidos por mulheres, com o propósito de atuar em favor da emancipação do sexo feminino, via obtenção de direitos, tais como o direito à educação, ao trabalho (em cargos e condições iguais aos homens) e à participação política, com a obtenção do voto feminino. Ela se diferia da imprensa feminina, que buscava, em quase todos os casos, reafirmar o papel da mulher como restrito ao âmbito doméstico e ao exercício das prerrogativas de mãe e esposa. Para maiores detalhes e exemplos de jornais, ver Duarte (2016).

Ignez Sabino estreou como poeta com os volumes *Rosas Pálidas* (1887) e *Impressões* (1887). Em 1885 a sua publicação poética avulsa do poema “Away” figurou na revista da *Sociedade Ave Libertas*, associação abolicionista composta exclusivamente por mulheres, com sede no Recife (FERREIRA, 1999, p. 30-32). Contudo, o seu campo de interesse se estendia para vários gêneros literários e temas, que contemplam a versatilidade da escrita desta escritora e feminista baiana, que assim como Josephina Álvares de Azevedo, também jornalista, feminista e sufragista de fins do século XIX, cresceu no Recife e depois se mudou para o Sudeste do país, desenvolvendo sua carreira literária no Rio de Janeiro (MUZART, 2000).

A análise de suas contribuições para os principais periódicos de fins do século XIX, na imprensa feminista e feminina brasileira e internacional, indicou a publicação de textos no *Echo das Damas*, n’ *O Corymbo*, n’ *A Família*, n’ *A mensageira*, no *Escrínio*, no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*, no *Almanach das Senhoras* e n’ *A Estação*. Isso demonstra sua atuação como escritora de ‘Norte a Sul’ do país, concentrando-se no Rio de Janeiro, local de grande produção e difusão da cultura nacional. Ignez Sabino foi membro de associações de pesquisa, como o Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, o Instituto do Ceará, as academias literárias do Ceará e de Pernambuco e organizações promotoras do trabalho feminino, como a Associação Protetora das Costureiras (1890) e a Liga Promotora dos Trabalhos Femininos (1902) (JORNAL DO BRASIL, 1902).

A produção literária da escritora baiana apresenta o combate mais imediato dos primeiros anos republicanos, como mostra explicitamente a obra *Contos e Lapidações* (1891), composta por poemas, contos e artigos de temática política sobre temas espinhosos e urgentes como o casamento civil, o divórcio e o voto feminino. Nestas ocasiões de manifestação política, Sabino se utilizou de seus conhecimentos teóricos sobre história e legislação para defender os três temas supracitados como altamente necessários para a consolidação de ideais democráticos que efetivamente contemplassem a totalidade da população, ou seja: garantisse a cidadania das mulheres de todas as classes sociais.

Adentrando domínios mais teóricos e especializados, a história, a filosofia, a música e até as ciências naturais são algumas das áreas do conhecimento que a autora afirmava estudar para melhor construir seus enredos literários, seus artigos e estudos sobre a história:

Sei que talvez a gentil leitora que pegue o número d'A Família em que vá este pobre artigo, boceja, chamando-me cacete; sei ainda que a proporção em que estudo, torno-me desagradável pela seriedade dos assuntos que tomo sob a minha responsabilidade assinando neles o meu obscuro nome, porém como foi-me preciso estudar um pouco de física para escrever o meu romance (...) (A FAMÍLIA, 1891)

Em “A civilização e a poesia”, publicado no jornal *A Família* em 10 de abril de 1890, Ignez Sabino mostrou seu interesse pela história e pela descoberta dos sentidos ou significados da literatura ocidental, desde a Grécia Antiga, expondo toda sua erudição sobre o tema. No entanto, destaca-se no pequeno artigo da escritora a afirmação de que no Brasil, à época, não haveria uma poesia genuinamente brasileira, isto é, “independente, (...) de acordo com o torrão natal, onde nasceu ou inspirou-se o poeta” (A FAMÍLIA, 1890). Portanto, podemos interpretar o interesse de Sabino em perscrutar acontecimentos e fatos da história nacional como, também, uma espécie de laboratório para a sua escrita literária. Como exemplo deste recurso o romance *Lutas do Coração* (1898) está recheado de elementos da política, da sociedade, da história e da “cor local”, com paisagens exuberantes, descrições da riqueza natural e cultural do povo brasileiro, acrescidos da recorrente preocupação da escritora em denunciar a situação social da mulher brasileira, refém das amarras, preconceitos, imposições sociais e exclusão do âmbito do trabalho e da educação preparatória para uma vida financeiramente independente da família e do marido.

A partir do interesse manifesto pelo destino da mulher brasileira e, sobretudo, da intenção genuína em apontar estratégias políticas para romper com a situação social marginal que restringia a participação das

mulheres nos espaços formais de decisão política e de construção do conhecimento e da cultura nacional, a obra *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899) se torna referência fundamental para compreendermos uma iniciativa pioneira de Ignez Sabino para a escrita da história das mulheres brasileiras sob a perspectiva de uma mulher intelectual. A breve análise aqui apresentada é fruto de pesquisas desenvolvidas no âmbito da história social da cultura, aliando estudos de gênero, história das mulheres e literatura de autoria feminina. Como será exposto nas próximas páginas, pretendeu-se dar protagonismo à produção intelectual da mulher brasileira.<sup>4</sup>

## PROJETO LITERÁRIO E UMA HISTORIOGRAFIA FEMINISTA DO BRASIL NO SÉCULO XIX

Ignez Sabino iniciou sua carreira literária dedicando seus escritos às mulheres brasileiras e, acompanhando a trajetória dessa escritora, esse tema definiu o seu projeto literário feminista, bem como a sua escrita e interpretação da História das Mulheres Brasileiras, contemplando trajetórias que marcaram a história nacional desde o período colonial. No prefácio de sua segunda obra, a coletânea de poemas *Impressões* (1887), Sabino estabeleceu uma interlocução com suas leitoras, revelando um posicionamento humilde, ou seja, alguém inexperiente e sem o conhecimento e a erudição necessários para a escrita de uma grande obra.<sup>5</sup> Todavia, ela argumenta que o trabalho literário ou o esforço de escrita e publicação de uma obra seria algo edificante e necessário para a emancipação da *mulher brasileira*:

Eis-me pela terceira vez ainda envolvida nas lidas do prelo, lutando com os temporais dos espíritos divergentes, afrontando o desânimo que me cerca, repelindo a opinião geral que condena a mulher a estreiteza das quatro paredes que a encerram, fazendo-a emergir num marasmo atrofador

---

<sup>4</sup> Para maiores detalhes, ver Silva (2021).

<sup>5</sup> O tema da retórica da “humildade” das mulheres em seus prefácios e apresentações, que não deixa de apresentar muita ironia, foi explorado por Takak (2014).

pela falta de instrução, arredando da mesma ideia de erguer-se com uma resolução sadia, abraçando-se às barricadas das lutas intelectuais, mostrando por essa forma que procura, pela inteligência, galgar o trono que lhe compete. O círculo que me rodeia, é muito estreito. Ainda abraça antigos preconceitos, que só com o tempo poderão ser expelidos. (SABINO, 1887, s.p).

Após a sua enunciação como iniciante no mundo das letras brasileiras, Sabino dedica a obra para as *mulheres brasileiras*, antes de começar o volume de poesias, “*Às Senhoras Brasileiras*” e poema introdutório, descreveu em versos as dificuldades sociais enfrentadas pela mulher no Brasil do século XIX e nos dá a ver o tom das críticas sociais que estarão presentes nos escritos vindouros:

Bem sei que no geral a opinião  
 Das classes sociais vê na mulher  
 Ainda um ente inútil, e só quer  
 A ver no lar doméstico a coser,  
 Em jogos pueris a se entreter,  
 Pensando a instrução ser cousa fútil,  
 Assim uma quimera!... como inútil  
 Além do ABC da cartilha,  
 Do compendio cristão a santa filha  
 No entanto a instrução para a mulher  
 É um grilhão de ouro que só quer  
 Fulgir eternamente!... com a instrução,  
 Na vida, honestamente, terá o pão!  
 Um pão sem igual, pão do talento,  
 Um trigo sempre verde, que sustento  
 Dará!... É albatroz que velozmente  
 Sorrindo, vai pousar serenamente  
 Osculando os diletos filhos seus  
 E calmo lhes aponta a terra e os céus.  
 Depois, desde à cabana do proscrito:  
 O rude camponês transforma em mito,  
 No palácio real também se aninha,

Ridente, todo ufano, ele caminha  
Por esse mundo além! (...)  
(...) Ah eu não quero  
Tornar a mulher homem, por ferro  
No campo da batalha, espada em punho,  
Tomando por modelo o másculo cunho;  
Não! Não! Apenas quero que no lar,  
De envolta com a virtude, possa dar  
À civilização da atualidade  
A sólida instrução com a bondade (SABINO, 1887, p. 3-4)

Com poesia, a escritora elencou muitos problemas que seriam desenvolvidos em suas obras seguintes, em linhas gerais, podemos apontar alguns. A crença na mudança da sociedade no poema “O Futuro”, como uma promessa de igualdade: “Levanta-te, futuro! A púrpura da igualdade”.

O tema da igualdade motivou a escrita do primeiro poema de Ignez Sabino, “Far A Way” (A um proscrito) em 1885, publicado na revista da *Sociedade Ave Libertas*, associação abolicionista composta exclusivamente por mulheres com sede no Recife (FERREIRA, 1999, p. 30-32) e aparece novamente em *Impressões* (SABINO, 1887, p. 93-94), ambos remetendo à igualdade e à cidadania de homens e mulheres, e no caso de “Far A Way”, igualdade entre livres e escravizados, que se tornariam cidadãos numa nação que priorizasse a igualdade. O reconhecimento de Sabino entre as mulheres abolicionistas de destaque figurou no *Novo Almanaque de Lembranças* de 1889, com um anagrama escrito por J.C. Moreira (Recife) dedicado à Leonor Porto, composto por nomes de abolicionistas de Pernambuco, dentre as quais Ignez Sabino Pinho Maia e Maria Amélia Queiroz, abolicionista nordestina, colaboradora do jornal feminista *A Família* e conterrânea de Josephina Azevedo.

A igualdade mencionada por Ignez Sabino se refere à mulher, ao escravizado, ao trabalhador empobrecido, enfim, aos marginalizados dos benefícios do progresso e da civilização. Sabino se destacou como abolicionista no começo de sua carreira literária no Recife, como já sabemos, e no poema “O testamento”, a autora cria uma atmosfera, ao que tudo indica, comovente para os últimos instantes de vida de “um

pobre negro velho”, morrendo numa senzala praticamente vazia e sem qualquer conforto ou amparo. A esposa do moribundo e a sinhá moça o amparam e ele ainda tem tempo para se despedir e apontar uma caixa onde estavam guardadas dez moedas, “primícias que o suor, um dia me legou”. Assim, o escravizado deixa dez moedas como testamento à sinhá moça, como prova do amor paternal que lhe dedicou:

Seu preto nada tem para deixar, senhora  
Além de um peito nobre, e que sincero a amou!  
Porém, naquela caixa, existem dez moedas,  
Primícias que o suor, um dia me legou!  
(...)  
Com uma ação sublime, o pobre cativo deixou a vida:  
“Sublime ação foi esta! O leito mortuário  
Abate o poderoso e o faz curvar no chão,  
A tábua do cativo, hombria um fausto leito  
A morte tudo iguala, a ela é tudo irmão! (SABINO, 1887,  
p. 48).

O poema não deixa de apresentar uma visão “romantizada” e condescendente do homem envelhecido e escravizado, à beira da morte, como último ato de sacrifício e expiação, como um apelo à sinhá jovem, esta como inspiração e salvadora da existência cruel que não encontrou liberdade, nem descanso. Mas, no limite desta análise, as ambiguidades percebidas nas escritoras feministas e abolicionistas brancas não devem ser desconsideradas,<sup>6</sup> pois mostram a complexidade e inconstância das personagens históricas que oscilam, mesmo em seus ativismos e bandeiras políticas, ao sabor dos ventos e das características da indeterminação histórica e seus rearranjos. No entanto, e ainda considerando genuinamente o abolicionismo de Ignez Sabino manifesto no início de sua carreira, isto não a isenta de incorrer nesta complacência, ao caracterizar a personagem negra como um ser martirizado que teve como último ato a manifestação de uma devoção quase cega à moça branca.

---

<sup>6</sup> Outro exemplo, muito mais complexo do que o caso de Ignez Sabino, seria a escritora Olive Schreiner. Para mais detalhes sobre essa discussão, ver Gomes (2010).

A obra *Esboços Femininos* se tornou a série de textos biográficos sobre mulheres de destaque na história ocidental, publicados pela revista feminina carioca *A Estação: jornal ilustrado para a família* (1879-1904), que teve início em 15 de abril de 1890, com um texto sobre a conhecidíssima poetisa grega Safo, e continuou com a exposição sobre muitas personalidades femininas que se dedicaram a diferentes áreas do conhecimento ou foram governantes, ou artistas e escritoras.<sup>7</sup> A proposta de Sabino em *A Estação* era apresentar à leitora uma amostra da importância e do empenho de suas pesquisas sobre a história das mulheres ocidentais, que culminou em um estudo mais sistemático e propositivo sobre a história das mulheres brasileiras, à luz de novas interpretações sobre a própria história nacional.

A estrutura da proposta de Ignez Sabino, se concebermos os “Esboços ou Perfis Femininos” e *Mulheres Ilustres do Brasil* como um projeto biográfico contínuo, dedicado ao registro de trajetórias femininas de destaque para a consolidação do estudo da história das mulheres,

---

<sup>7</sup> Anna de Commene, Heloisa (30 de abril de 1890), Madame de Vallon (31 de maio de 1890), Filipa de Alencastre, Catharina de Portugal, Victoria Colonna (30 de junho de 1890), Margarida de Navarra (15 de julho de 1890), Rainha Isabel (30 de julho de 1890), Santa Thereza (31 de agosto de 1890), Laura Baltiferre, Joanna Vaz, Luiza Labé (15 de setembro de 1890), Duquesa Amalfi, Helena Caetana, Joanna da Gama, Leonor de Noronha, Infanta D. Maria, Olympia Morata (30 de setembro de 1890), Mlle. de Gournay, Magdalena e Catharina de Roches, Princesa de Conti, Isabelle Andreini, D. Publica de Castro (15 de outubro de 1890), Anna Visscher (31 de outubro de 1890), Madame de Raimbouillet (15 de novembro de 1890), Maria Cunitz (31 de janeiro de 1891), Mme. de Sévigné, Maria Magdalena, D. Maria de Menezes, Magdalena da Glória (28 de fevereiro de 1891), A Grande Mademoiselle (15 de março de 1891), Christina, Rainha da Suécia (15 de abril de 1891), Soror Martha, D. Maria de Souto Mayor Sarjas (30 de abril de 1891), Madame de Maintenon (15 de maio de 1891), Margarida de São Paulo, Madame de Sablière (31 de maio de 1891), Madame de Motteville (15 de junho de 1891), Madame de Nemours, Duquesa de New Castle, D. Bernarda de Lacerda (30 de junho de 1891), Lucrecia Helena (15 de julho de 1891), Sebastiana Magalhães, Iguacia Xavier, Madame de Lambert, (31 de julho de 1891), Catharina Lescaille, Madame Gomez, Madame Dacier, (15 de agosto de 1891), Condessa da Ericcira, Madame de Lafayette (31 de agosto de 1891), Madame Dunoyer, Mistress Suzanne Freeman, Mlle de Scudery (15 de setembro de 1891), Maria Astell, Condessa de Murat, D. Agostinha da Silva, Isabel de Castro (30 de setembro de 1891), Margarida de Lussan, Madame Gomes (15 de outubro de 1891), Lady Montagu (31 de outubro de 1891), Elisabeth Tollet, Madame du Deffant, Madame Grafigny (30 de novembro de 1891), Madame Chatelet, (15 de dezembro de 1891), Luiza Levesque e Madame du Bocage Fiquet (15 de julho de 1892).

mostra-se muito similar à obra da norte-americana Sarah Josepha Buell Hale (1788-1879) (HALE, 1853) que publicou *Women's record: or Sketches of all distinguished women, from "the beginning" until A.D. 1850: arranged in four eras, with selections from female writers of every age* (1853), título autoexplicativo do conteúdo da obra escrita pela primeira mulher editora dos Estados Unidos (VIGNERON, 1993).

A escrita de perfis biográficos, isto é, de pequenas biografias, agrupadas num mesmo volume, sobre mulheres que se destacaram na história, nas letras, nas ciências, na política e nas artes foi um fenômeno recorrente no Brasil após a publicação de obras como *Mulheres Ilustres do Brasil* e *Galeria Ilustre: mulheres célebres*, este de Josephina Álvares de Azevedo. Evidentemente, consideramos as obras escritas por mulheres sobre mulheres e isto mostra o interesse por representação e escrita de histórias e trajetórias de mulheres no tempo.<sup>8</sup> Não se trata de uma simples inscrição, reparação ou resgate; para além disso, é um manifesto político pela história das mulheres ou pela reescrita de fatos, datas, dados, nomes, acontecimentos que sempre foram escritos por mãos masculinas e pela perspectiva dos homens - como se fossem eles os donos do tempo, da história e do pensamento inventivo sobre a sociedade, as artes, as letras, as ciências, a política, em suma, a manifestação de uma vontade arbitrária reiterada e reafirmada em muitas ocasiões.

Obras como o *Dicionário Bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil* (1969), da escritora Adalzira Bittencourt (1904-1976), *Mulheres do Brasil* (1971), organizado por Henriqueta Galeno (1887-1964), destacando-se as escritoras da Casa Juvenal Galeno, Ala Feminina da Academia Cearense de Letras, da qual Ignez Sabino fez parte - uma observação pertinente é a riqueza de escritoras cearenses (CASTRO, 2019), dentre as quais se destaca no século XIX a abolicionista, feminista, republicana e sufragista Emília Freitas (1855-1908), autora de *A Rainha do Ignoto* (1899). Já a escritora negra de grande projeção nacional, a paulista Ruth Guimarães (1920-2014), em sua obra *Mulheres Célebres* (1960), fez algo muito similar à *Galeria Ilustre* de Josephina Azevedo, biografando

<sup>8</sup> A escrita de biografias marcou o século XIX, em textos publicados, notadamente, pela revista do IHGB. Para maiores detalhes desta discussão, ver Oliveira (2011).

personalidades femininas da história ocidental: Penélope, Cleópatra, Maria Madalena, Inês de Castro, Sórora Mariana Alcoforado, Catarina a Grande, Madame du Barry, George Sand, Sara Bernhardt, Marie Curie, Helen Parkhurst e Helen Keller (GUIMARÃES, 1960).

Na articulação do movimento sufragista e feminista, a gênese de lutas, participação e conquistas das mulheres em tempos anteriores ao século XIX se mostrou central para alimentar argumentos e demandas nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil isso não foi diferente, pois podemos compreender a exaustiva pesquisa empírica de Sabino como um empenho acadêmico e político, explicitando em sua narrativa sobre a história brasileira a participação fundamental das mulheres para a emancipação do Brasil colônia e o projeto de construção nacional, desde o Império até a República. E, tomando o seu exemplo de escrita e projeto literário-político, nos é possível refletir sobre vários aspectos que envolvem (1) a mulher enquanto agente histórico e (2) a mulher enquanto escritora da própria história das mulheres. Heloísa Buarque de Hollanda (2003) aborda a importância da representação simbólica da mulher no período republicano, o que também mereceu o estudo detalhado de José Murilo de Carvalho (1990), estabelecendo semelhanças e diferenças entre a iconografia republicana francesa e brasileira no que concerne à República, representada como uma mulher em caricaturas, pinturas e várias formas de manifestações artísticas. Contudo, como já podemos inferir, a iconografia entrava em conflito com a realidade social marginal da mulher no período republicano, e Ignez Sabino foi uma voz destoante nesse período, ao trazer à tona a excelência de ‘mulheres de carne e osso’:

Mesmo tendo sido simbolicamente central, a própria natureza da imagem ‘civilizadora’ que foi reservada às mulheres na mitologia republicana, privilegiando apenas sua capacidade reprodutiva e educadora, contraditoriamente, a exclui do pacto simbólico que terminou por construir a própria ideia globalizante de nação. O alcance negativo da súbita valorização dos papéis femininos na República foi percebido e contestado na época, como se pode ver no interessantíssimo *Mulheres Ilustre do Brasil* de Ignez

Sabino, publicado em 1899, que interpela frontalmente os trabalhos de Norberto e Macedo e procura reorientar, ainda que sem sucesso, o sentido da ‘celebridade feminina’ nas demais biobibliografias de grande circulação no final do século (HOLLANDA, 2003, p. 22)

A partir desse interesse manifesto pelo destino da mulher brasileira e a intenção genuína em apontar estratégias políticas para romper com essa situação social marginal que restringia a participação das mulheres nos espaços formais de decisão política e de construção do conhecimento e da cultura nacional, a obra *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899) é uma referência fundamental para compreendermos uma iniciativa pioneira de Ignez Sabino. Não se trata de uma abordagem de trajetórias excepcionais, de mulheres à frente de seu tempo. Pelo contrário, a importância sem precedentes da obra de Sabino se deve ao seu esforço de localizar a participação de várias mulheres no desenrolar da história nacional, como participantes ativas, como brasileiras construindo a história de lutas, conquistas e derrotas. Com a escrita de biografias sobre mulheres célebres da história brasileira e, conseqüentemente, uma proposta de releitura dos principais fatos da história nacional, ainda que a partir da clássica divisão temporal, entre os marcos da “história oficial”, gestada pelas diretrizes políticas do IHGB e sua preocupação com uma narrativa da história nacional e a institucionalização da escrita da história, compreendidos em Brasil Colônia, período de submissão política à Coroa Portuguesa, com todas as tentativas de insurreições e rompimento com a metrópole, Portugal, e o Brasil Império, incluindo a ascensão e queda da Coroa. Ainda assim, podemos entrever uma tentativa, ainda que tímida, de burlar tal divisão: como iremos expor logo em seguida, Sabino inicia a obra em 1510, com as primeiras tentativas de ocupação do território brasileiro pelos portugueses, e as sucessivas batalhas e disputas entre potências europeias que pretendiam dominar a costa da “Terra Brasilis”.

Contudo, a linha condutora de tais fatos são as mulheres, ou seja, os perfis e trajetórias costuram a narrativa do texto, até o momento em que não se segue mais uma linha cronológica estabelecida para os fatos da história

nacional, mas apenas a atuação transgressora de mulheres em séculos de história nacional, rompendo com uma concepção dos fatos centralizada e protagonizada por homens. Ou seja, se num primeiro momento vemos contemplados os conflitos do período colonial, a inquisição e algumas insurreições coloniais do século XVII; por outro lado, a Cabanagem (1830) e a Revolução Praieira (1848) apenas serão citadas quase ao final do livro, no perfil de Anna Aurora de Jesus. Antes disto, não seguindo uma narrativa linear e progressiva, a leitora de *Mulheres Ilustres do Brasil* já teria lido e se emocionado com o impacto da Proclamação da República na vida das mulheres, a partir da mágoa que se abateu sobre o peito da soberana do Brasil, a imperatriz Thereza Cristina.

A recém República, momento de elaboração e escrita da obra, figura como promessa de participação na política formal e ampliação da cidadania, principalmente para as mulheres, o que de fato não ocorreu, frustrando os projetos de obtenção do voto feminino. Logo, a quebra da linha temporal na narrativa de Ignez Sabino pode nos revelar uma tensão implícita na construção da obra e na proposta de revisão da historiografia do Brasil do século XIX, demonstrando a preocupação primordial em apontar ausências femininas e inseri-las como agentes ativos dos processos sociais e políticos, em detrimento de qualquer compromisso ou diálogo com a historiografia clássica ou oficial de seus antecessores, estas constatações ficarão mais nítidas com a exposição que se segue.

*Mulheres Ilustres do Brasil* compõe-se de perfis de mulheres atuantes na política e na cultura nacional, além de divisões temáticas, apresentando perfis biográficos de grupos de mulheres que tiveram atuações semelhantes, como as “Mártires Brasileiras”, as “Patriotas” e “Mais quatro poetisas”. Ignez Sabino apenas se dedicou às mulheres já mortas à época da publicação do livro, o que nos revela outro recorte e orientação relevante para compreendermos as concepções de história e participação social guadoras da escrita da obra que pretendia, prioritariamente, “ressuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras, devendo elas encher-nos de desvanecimento, por ver que bem raramente na humanidade, se encontrará tanta aptidão cívica presa aos fastos da história” (SABINO, 1899, p. IX). Mostra-se interessante observar uma dinâmica entre os

“Esboços Femininos”, de caráter genérico, com a abordagem de mulheres de várias partes do mundo e, posteriormente, a publicação de *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899), com um escopo de análise mais específico sobre a história nacional e a contribuição das mulheres em insurreições e na construção de uma literatura nacional, pontos essenciais para a compreensão integral do projeto literário, historiográfico e feminista de Sabino.

A leitora do periódico quinzenal *A Estação*, ao procurar dicas sobre moda, costura e cuidados com o lar e a família, se depararia com a história de algumas mulheres nos “Esboços femininos” escrito por Ignez Sabino, o que oferecia uma brecha interessante para o contato com ideias próximas àquelas dos periódicos feministas como *A Família*. E se acompanhasse a carreira da literata Ignez Sabino, encontraria em 1899 uma seleção de brasileiras de destaque na história nacional em *Mulheres Ilustres do Brasil*, o que aprofundaria uma proposta de historiografia feminista lançada em 15 de abril de 1890, com a estreia da seção “Esboços femininos” n<sup>o</sup> *A Estação*, que teve o nome de “Esboços e perfis” apenas no primeiro texto, com a breve biografia da poetisa Safo, terminando em 15 de dezembro de 1891, com o “esboço feminino” da francesa Madame de Chatelet. Após a exposição de tantos “Esboços Femininos”, a leitora apenas encontraria no derradeiro esboço a explicação de Sabino para a criação dessa série de textos de caráter tão específico que na parte dedicada à literatura nacional em *A Estação* dividiu espaço com crônicas de Arthur Azevedo, poesias e folhetins, como *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

Os “Esboços Femininos” de Sabino seriam uma proposta de preenchimento das lacunas na formação intelectual de uma geração de mulheres; portanto, pretendia-se formar e informar a “mulher moderna”, isto é, educada segundo orientações menos restritivas que visavam ampliar os horizontes de sua atuação social feminina, guiando-a pelo estudo e pela razão:

Nesta folha em que abrimos para o nosso modesto volume mais um grande ciclo de talentos femininos e que, para não sairmos da norma que temos seguido, denominamos Esboços as biografias que traçamos, que são nossas,

porque assinamos o nosso estilo, e onde só o gosto pelas letras (ilegível) em nós, desde criança, faz com que não desanimemos (ilegível) o título de pretensiosa e pedantesca, deixaríamos correr a pena sobre a História mostrando às inteligentes e assíduas leitoras e leitores que nada mais se associa à nossa alma do que o estudo sério e útil. Então, revolveríamos o escrínio das nossas reminiscências, e diríamos muito, diríamos tudo quanto temos lido (A FAMÍLIA, 1891).

A perspectiva histórica de seus perfis ou esboços biográficos, o que nos permite afirmar que os ditos textos têm um significado mais específico, acompanhou a escrita de Sabino em outros momentos da série publicada n' *A Estação*. Em 31 de julho de 1890, ao registrar o “esboço” da Rainha Isabel da Inglaterra, uma governante “sanguinária e imoral”, Ignez Sabino Pinho Maia iniciou o texto da seguinte maneira, apresentando sua concepção de História:

A História é um terreno desconhecido, escabroso, que quanto mais explorado, pouco mais ou nada dela se conhece que adiante de vez os esclarecimentos precisos; já falsificam-se datas, já alteram-se o assunto onde, conforme os autores, divergem muito os acontecimentos e as interpretações como vemos a cada passo.

A ciência, chamada assim pelos modernos. Porém mais conhecida dos antigos pelo nome *Clio* repleta de austeridade, guiar-lhe-á os incertos passos pelo seu lado de real procurando origens, baseando-se, portanto, em si própria.

E a História e a Ciência juntas, fortalecida por esta, encontrarão em cada época, em cada momento, essa razão que produz o motivo pelo qual desvendam-se caracteres, apreciam-se vultos, erige-se-lhes monumentos, onde a *arte* emprega toda a solidez da sua estética, todo o rendilhado do sentimento, toda a profusão de um estilo sólido, toda a beleza da forma, do pensamento, que personaliza a ideia! E, nessa batalha gigante, passam-se gerações; desmoronam-se edifícios, criam-se edificações, levantam-se cidades, e a

civilização com a baliza do progresso, caminha sobranceira, sobrepujando o manto do futuro que terá como lema a educação intelectual e moral dos povos (A FAMÍLIA, 1890).

A iniciativa de escrita de tais biografias breves, ao ressaltarmos seus aspectos historiográficos, de reflexão dos sentidos da história (acrescida da releitura dada por uma perspectiva que pretende ressaltar a participação das mulheres), enquanto disciplina ou área específica do conhecimento, e a possível classificação desses textos como pequenos ensaios de história das mulheres, evidenciam que no século XIX escritoras atuantes pela causa da emancipação das mulheres denunciavam também a exclusão de suas antecessoras da história oficial. Ou seja, as escritoras atuantes do século XIX brasileiro sinalizavam a exclusão da mulher da narrativa da história, enquanto agente histórico, social e político atuante, bem como enquanto intelectualmente capaz de escrever história a partir do ponto de vista da mulher. Esta consideração mereceria uma pesquisa e exposição aprofundadas, a fim de discutir a exclusão de tantas intelectuais e historiadoras, ao longo do tempo, do arcabouço teórico e reflexivo sobre a constituição da disciplina História, movimento este que teoricamente e politicamente tem gerado debates e ações pontuais pelas historiadoras brasileiras. Tantas foram apagadas ou ficaram submersas à sombra dos homens que seriam, por excelência, os donos das “penas” e das palavras e, portanto, os principais agentes históricos presentes nas narrativas historiográficas:

Quando pensamos em um grande historiador, instintivamente o imaginamos homem; aceitamos com naturalidade títulos como *The History Men* [Os homens da história] (como foi chamado um recente livro de historiografia), porque profissionalização e ciência histórica se desenvolveram em uma época de esferas distintas, quando as mulheres de classe média levavam uma vida sobretudo doméstica. Dessa forma, por razões que a história explica, como se costuma dizer, a profissão era praticamente monopólio dos homens. Apenas eles tinham tempo para se engajar nas atividades

(pesquisas em arquivos, ensino nas universidades) das quais dependia o fundamento da história profissional. O bom senso histórico deveria também explicar por que as histórias mais conceituadas diziam respeito a homens: ao focar a história política, a história profissional naturalmente escolheria grandes homens para estudar. Além disso, o estado-nação, que inspirou e financiou grande parte da nova ciência histórica, proporcionava apenas aos homens plenos direitos de cidadania durante aquela época. É evidente, portanto, que eles estariam mais inclinados a defender sua própria história (SMITH, 2003, p. 16-17).

Para mais um exemplo patente dessa percepção, Sabino questionou a ausência de registro sobre a escritora francesa Madame de Maintenon, em 15 de maio de 1891, e isto lhe deu a oportunidade de questionar, justamente, a exclusão das mulheres nos circuitos de legitimação da escrita e produção de conhecimento:

-Deixou algum livro escrito por si?

Responde a História: - Não!

-Foi reconhecida literata de nomeada?

Agora os biografistas: -Não!

-Quem lhe deu a nomeada?

Quem a elevou a ter na vida uma réstia de luz nunca apagada?

Diz o bom senso: - A razão (A FAMÍLIA, 1891).

Josephina Álvares de Azevedo, colega de redação de Sabino em *A Família*, também iniciou seus escritos sobre a atuação feminina na história ocidental com a publicação de pequenas biografias em seu impresso. O primeiro perfil, de 26 de fevereiro de 1891, foi o de Joana D'Arc; porém, o período turbulento de começo do governo republicano brasileiro, aparentemente, influenciou a circulação do impresso de Azevedo, que provavelmente encontrou dificuldades para manter sua periodicidade habitual, e não podemos saber quantos teriam sido os perfis biográficos publicados por Josephina Azevedo no periódico.

O texto de 26 de fevereiro de 1891 provocava as leitoras com uma pergunta sobre se o sexo influenciaria o heroísmo. Isto é, para os grandes feitos da história, importa se os sujeitos eram homens ou mulheres? A pergunta provocativa e “capciosa” - pois o livro destacou justamente as mulheres - permeou todas as biografias breves veiculadas por *A Família*, as quais se estenderam até 15 de abril de 1894, muito espaçadas e sem periodicidade determinada. Estes perfis reunidos compuseram a obra *Galeria Ilustre: mulheres célebres* (1897), com pequenas biografias de Joanna D’Arc, Maria Tereza d’Áustria, Miss Nightingale, Catarina II, Cleópatra, Isabel a Católica, Pocahontas, Heloisa, George Sand e Margarida de Anjou. Na “Explicação Necessária”, introdução à *Galeria Ilustre*, Josephina Azevedo considerou que:

Não tendo feito nem um trabalho propriamente original, nem tampouco uma tradução literal de quanto li sobre as heroínas consagradas neste livro, deve ser ele considerado uma compilação, pois nesta conta dou à publicidade. Pequeno contingente é para a história das mulheres célebres, que é muito grande, quase tanto a dos homens que merecem este epíteto.

Em todo caso, é um subsídio à propaganda de emancipação que se universaliza (AZEVEDO, 1897, s.p.).

O compilado de biografias acompanhou, portanto, a orientação do jornal feminista *A Família*, que se dedicava à emancipação do sexo feminino, abordando temas como educação do sexo feminino, a participação da mulher no mercado de trabalho e na política, por meio do direito ao voto e à participação nas eleições como candidatas. As duas amigas, como já comentado, Josephina Álvares de Azevedo e Ignez Sabino, participavam ativamente da vida política e acompanhavam os debates que incidiam diretamente na questão da emancipação da mulher brasileira, de muito perto, ou seja, não se restringiam à redação do jornal e a concepção de projetos literários e “historiográficos” sobre a história das mulheres; mas, também, cumpriram o seu papel como agentes ativas desta história em curso:

Os que se tem habituado a ler-me, sabem o quanto eu com Josephina de Azevedo, então redadoras d' A Família, criada por ela, revista conhecida no Brasil inteiro, transformada em audaciosa companhia literária, lutamos, para que a *Constituinte* da República Brasileira, desse à mulher o “direito do voto”.

Isso com efeito fez sensação na Câmara, onde ambas assistimos aos debates quando vimos caído por terra o nosso belo ideal, após uma tremenda luta de prós e de contras!

Alguns anos passaram sobre o caso, eis quando de chofre eu vejo que o nome da mulher patricia vai tendo (sic) sublime e forte merecimento. (...) (SABINO, 1905, p. 140-141)

A preocupação de Ignez Sabino com a escrita da história ocidental e da história das mulheres, por sua vez, foi mais recorrente do que podemos identificar em suas contemporâneas, mostrando-se em outros textos de menor fôlego, tais como “Vasco da Gama”, em *O Corymbo*, 01 de outubro de 1898; “Pedro Álvares Cabral”, *O Corymbo*, 03 de maio de 1900 e “Anita Garibaldi”, (mesmo texto de *Mulheres Ilustres do Brasil*), publicado no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* de 1902.

No prefácio de autoria de Ignez Sabino,<sup>9</sup> a literata afirmou que, na década de 1860, Norberto de Souza havia escrito sobre algumas brasileiras e expressou o desejo de que alguma mulher escrevesse sobre suas patricias, assim, a escritora apresentava-se como ‘aquela’ que iria reparar faltas e lacunas de seus predecessores.

O que encontramos nos escritos dos “homens de letras” ou estudiosos da história brasileira que representavam a narrativa oficial do Brasil Império é um tanto diferente das pretensões de Sabino e Josephina Álvares de Azevedo, ainda que em *Brasileiras Célebres* (1862), Joaquim Norberto de Souza e Silva tenha assumido, num primeiro momento, um caráter historiográfico preocupado com a memória das mulheres brasileiras, que “apresenta em relevo as vossas patricias merecedoras das páginas da história”, segundo o qual admitiu que suas leitoras pudessem,

<sup>9</sup> A obra tem dois prefácios, um escrito pela autora e outro escrito por Arthur Orlando, com o título “Carta à leitora”, que não analisaremos aqui.

então, “falar com orgulho de vossas mais célebres compatriotas das quais muitas se tornaram exceção de seu sexo” (SILVA, 2004, p. 14). Imbuído deste propósito, Norberto de Souza lançou “sobre o papel estes fracos esboços, que melhor sairiam da pena manejada por alguma senhora” (SILVA, 2004, p. 15).

Sabino, então, viria para suprir tal falta na historiografia nacional. Ao mesmo tempo, como apontamos nos escritos veiculados pela imprensa nos esboços de Ignez Sabino, as obras escritas pela pena feminina, ao exaltar a escrita de suas antecessoras e das mulheres que se destacaram na história, pretendem justamente se contrapor à narrativa histórica oficial presente nos livros de Joaquim Norberto de Souza, com *Brasileiras Célebres* (1862) e Joaquim Manuel de Macedo, autor de *Mulheres Célebres* (1878).

Apesar de Norberto de Souza ter registrado os nomes célebres da história nacional, ele não intentou “seduzir com o exemplo de mulheres guerreiras ou puramente literatas”, pois, “a ciência mais apreciável nas pessoas de nosso século, disse-o uma lacedemoniana, é o governo da casa, e nem outra é a lei dos povos japoneses (...) Nestas poucas mas sublimes palavras cifra-se a missão do ente que o Criador destinou ao homem para sua companheira” (SILVA, 2004, p. 15).

Há, portanto, uma manifesta intenção moralizante da conduta feminina, que estaria exclusivamente voltada para a família, o marido e os filhos, completamente oposta aos escritos de Azevedo e Sabino, as quais não deixam de mencionar a esfera doméstica; porém, dinamizam as esferas de atuação das mulheres para além do âmbito doméstico. Para citar mais um exemplo, o livro de Macedo, *Mulheres Célebres*, foi adotado pelo “Governo Imperial para a leitura nas escolas de Instrução primária do sexo feminino no Município da Corte”. Estamos diante da narrativa historiográfica oficial, escrita pelo professor de História e cronografia pátria do Imperial Colégio Pedro II. Essa obra serviria de livro de leitura, com sucintas notas biográficas, que consistem no estudo de mulheres de *celebridade histórica*, sobressaindo disso uma “lição moral”:

(...) das quais nos esforçamos por fazer sobressair a lição moral que transpira das ações benemerentes, virtuosas ou heroicas que ilustrarão sua vida.

É obvio que em objetivo de educação moral, falar à mulher de grandes feitos e de fulgurantes glórias de homens ilustres não preencheria o fim que tínhamos precisamente fitado: é nos horizontes sociais marcados ao seu sexo, é na escola prática, no modelo- escola das mulheres beneméritas, virtuosas e heroicas que devem aprender, aproveitar e formar-se moralmente as meninas (MACEDO, 1878, p. 18).

## SABINO, HISTORIADORA

Ignez Sabino, numa atitude contrária à de seus companheiros “homens de letras”, como pudemos notar a partir dos “Esboços Femininos” publicados em *A Estação*, tomava para si a tarefa de preencher uma lacuna e com isso demonstrar as múltiplas aptidões femininas. Nesse sentido, Sabino atuou como uma precursora e suas obras se somam aos esforços de intelectuais do século XIX que eram não apenas elaboraram pensamento teórico sobre a sociedade e o papel das mulheres, mas, também, tinham atuação política.<sup>10</sup> Como podemos constatar, a condição de mulher brasileira (intelectual) foi determinante para a escrita de Sabino, comparativamente aos escritos de seus contemporâneos (homens) anteriormente citados. O gênero, portanto, apresenta-se como diferencial que estrutura a escrita e a profissionalização de historiadores e historiadoras, não apenas no século XIX, momento de formação do campo disciplinar em questão, mas, também, adiante,<sup>11</sup> nas gerações de historiadoras brasileiras que, em certo sentido, podem ser vistas como herdeiras de Sabino e outras intelectuais do século XIX brasileiro.

Em *Mulheres Ilustres do Brasil*, Sabino afirmou que era necessário “salientar as que mais se sobressaíram nas letras, a fim de que se conheça

---

<sup>10</sup> Nas ciências sociais há o esforço de resgate das pensadoras clássicas, como podemos conferir na coletânea *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*, organizada por Daffon e Sorj (2021).

<sup>11</sup> Conferir Liblik (2017).

que houve alguém que amou a arte e viveu pelo talento, tirando-as, como as outras, da barbárie do esquecimento”. Com isso mostra que “a mulher não deve viver somente pelas virtudes, nem pelas graças: ela deve, necessita, agir pela inteligência, de acordo com seus deveres morais e cívicos” (SABINO, 1899, p. IX).

O livro ainda tem especial destaque para as “mulheres de letras” com perfis biográficos e trechos das obras de Joana de Souza, Angela do Amaral, Beatriz Brandão, Maria de Lima das Mercés, Nisia Floresta Brasileira, Anna Lossio Seibnitz, Baronesa de Mamanguape, Délia, Maria Ribeiro, Delfina Benigna da Cunha, Corina Coaracy, Bárbara de Alencar, Gracia Ermelinda, Albertina Diniz, Revocata de Passos Mello, Amália Figueroa, Laura Carolina e Maria Helena da Camara Andrade Pinto. Para citarmos algumas com mais atenção, tomemos a célebre Dionísia Gonçalves Pinto [Nisia Floresta Brasileira Augusta] (1810-1885). Segundo Sabino, a obra desta escritora poderia ser interpretada como a genuína manifestação da literatura feminina brasileira. A literatura feminina teria por si só algo subjetivo e original, “sobretudo a nossa, que não se confunde com outra qualquer”. Délia, pseudônimo da gaúcha Maria Benedita Câmara Bormann (1852-1895), teria obtido o sucesso e, logo em seguida, o esquecimento: “Ela descia ao túmulo, obscura, como qualquer vulgaridade, sem os necrológios da Imprensa, sem grinaldas em exposição, sem missa de réquiem, sem cousa alguma” (SABINO, 1899, p. 192).

Notemos que Ignez Sabino teve o cuidado de apenas comentar sobre as literatas já mortas à data da publicação de sua obra, por isso podemos compreender que destacadas escritoras do período como a romancista maranhense Maria Firmina dos Reis e a famosa Júlia Lopes de Almeida não estão entre as biografadas. Mas, enquanto Maria Firmina dos Reis vivia e produzia literatura, outra representante negra das letras nacionais e de fama obscura foi citada por Sabino, a escritora e professora Maria de Lima das Mercés, “mestiça, a ninguém tinha por si, mesmo porque a diferença das raças há de ser a eterna linha de divisão que separa a sociedade” (SABINO, 1899, p. 153). A professora, como Maria Firmina dos Reis, fundou uma escola em Salvador, sua terra natal, para educar crianças empobrecidas

e órfãs que vagavam pela cidade sem qualquer amparo, acolhendo-as e sustentando a casa com seu ordenado de professora até 1850, quando já envelhecida solicitou auxílio do governo para continuar com seu trabalho, muito similar ao que faria Anália Franco nos anos 1879.

Sabino, mais uma vez, mostrou-se indignada com o esquecimento sobre a importância educacional e social de Maria Lima das Mercês que “a ingratidão humana tornou-a (sic) esquecida; nem ao menos o seu retrato ficou, para que a posteridade venerasse-lhe (sic) a memória”, mesma situação de Maria Firmina dos Reis, e talvez não seja por acaso a ausência de qualquer retrato ou registro da imagem de duas mulheres negras do século XIX. Por isso, para a autora de *Mulheres Ilustres do Brasil*, Maria Lima era “uma alma ignorada, dessas que se encontram semeando os benefícios, porém recebendo os espinhos cruentos do olvido” (SABINO, 1899, p. 156).

Contudo, as mulheres biografadas em sua obra são em sua maioria (ou quase totalidade) brancas e pertencentes à classe social mais abastada e intelectualizada, nos diferentes momentos históricos elencados e isto tem, sem dúvida alguma, um peso importante, apontando escolhas da autora que acaba por apagar a importância das mulheres negras na História do Brasil. Ainda assim, numa tarefa moral e epistemológica, Ignez Sabino denominava-se como uma “*obscura historiadora*”, que fazia pesquisas empíricas para a coleta de dados sobre as mulheres esquecidas, ao manifestar que visitou os locais mencionados no livro em busca de dados e fontes concretas da vida e experiência histórica das biografadas:

Não posso privar a minha leitora de ficar ao fato de um episódio que se deu comigo acerca do convento da Ajuda. Indo com uma amiga ver as obras do mesmo [sic], um operário que no-las mostrava, introduziu-nos numa capela particular que dava acesso para as tribunas reservadas às religiosas. Entretanto, vimos um terraço circulado de canteiros, tendo no centro uma escultura com a data de 1625 (...) (SABINO, 1899, p. 21)

Especialmente no caso das escritoras listadas na obra, o intento de Sabino, era mostrar que a mulher escritora seria uma profissional tão capaz como o homem, *sem perder de vista o seu lugar social de mãe e esposa*:

Quando na nossa literatura se der uma completa transformação, o que não será para os nossos dias; quando a válvula do progresso conceder à brasileira ilustrada o lugar que lhe compete nas artes, letras e ciências e no jornalismo, quando o homem se convencer que a mulher pode enfrentá-lo, medindo o pensamento, colocando-se na altura de uma Martineau ou de um Jorge Eliot, quando uma simples pena de aço e algumas gotas de tinta tirem da alvenaria da razão as páginas que deslumbram, as nossas patrícias tornadas em sacerdotisas do belo, serão melhores professoras dos seus filhos, a cadeia de ouro da liga social, a devotada mãe de família (...) (SABINO, 1899, p. 204)

O argumento de Sabino é o de que “as condições de esposa e mãe” estão “de acordo com a mulher culta” e esta não negligenciaria “seus deveres de dona de casa” ao dedicar-se à escrita, ainda que de modo profissional (SABINO, 1899, p. 230), o que demonstra patentemente que a crítica ao casamento consistia numa manifestação contra a forma pela qual essa instituição aprisionava a mulher numa relação desigual que a infantilizava, podava e impedia de ser uma cidadã e uma profissional plena e independente; todavia, não era uma oposição radical e completa ao casamento, à maternidade e à vida em família. Isso também cabia ao caso da própria autora de *Mulheres Ilustres do Brasil* que, deste modo, justifica e reafirma o seu lugar de intelectual capacitada para propor uma revisão formal da historiografia brasileira. Mas, além do propósito patente de evidenciar e inscrever na narrativa historiográfica brasileira nomes ausentes dos livros publicados anteriormente, o que poderíamos interpretar a partir da proposta de uma possível historiografia feminista ou história das mulheres construída por Sabino em fins do século XIX?

Há um forte sentimento de nacionalismo e patriotismo presentes na forma como Sabino aborda os principais fatos da história do Brasil,

contudo tais sentimentos são vistos e descritos a partir da experiência feminina, isto é, as primeiras explorações do território recém descoberto pela Coroa portuguesa e os conflitos travados entre Portugal, Holanda, França e Espanha para estabelecer o seu poderio foram narrados a partir da experiência de mulheres que tiveram papéis importantes para o desfecho desses conflitos.

A narrativa se inicia com o perfil biográfico da Tupinambá Catharina Paraguassú e o episódio do naufrágio do português Diogo Alves Corrêa, em 1510, e sua integração aos Tupinambás, senhores da costa. Catharina foi casada com Diogo Corrêa e batizada na fé cristã; por meio desta trajetória Sabino apresentou uma visão distinta daquela recorrente sobre a ‘mulher selvagem’, irracional. Catharina Paraguassú teria inaugurado à mulher brasileira, “com suas virtudes morais e cívicas, o capitólio do lar” (SABINO, 1899, p. 7).

Apesar de aparentar certo moralismo, outra possibilidade de leitura nos revela que Sabino inverteu a lógica da época, segundo a qual o indígena brasileiro não teria aptidão para a civilização, para valores familiares e morais. O segundo exemplo dessa inversão é Maria do Espírito Santo Arco Verde, filha do cacique dos Tabajaras, atuante na fundação do Recife e matriarca da família Albuquerque Maranhão e Arco Verde, presente no Brasil inteiro.

Após estes dois perfis, a leitora então encontraria, em sequência, uma proposta de reconstrução narrativa da libertação de Pernambuco do domínio holandês, com suas batalhas e o papel das mulheres patriotas durante o século XVII, com o exemplo das “Emigradas Pernambucanas” e das “Heroínas de Tijucupapo”. Neste sentido, o apelo de Ígnez Sabino, manifesto em “Clara Camarão” traduz o sentido da revisão de fatos decisivos do período colonial brasileiro: “Não lembremos uma por uma as brilhantes páginas da história pernambucana, nem falemos das noites suaves de luar” e “cabe somente aliar o simples nome de uma mulher à redenção da aquática cidade de quem se guarda o nome de Clara, esposa do índio Poty, que se tornou conhecido por Antonio Felipe Camarão” (SABINO, 1899, p. 27-28).

Segundo a proposta de Sabino, Clara Camarão animou os soldados - bem como seu próprio marido - para vencerem a batalha dos Guararapés (1648) contra os holandeses, exortando os homens, “pusilânimes, gritou-lhes: segui-me e a vitória será nossa” (SABINO, 1899, p. 29). De forma semelhante, no eixo temático das “Heroínas de Tijupapo”, Maria de Souza, “sinceramente patriota”, com um imenso amor por Pernambuco, enviou todos os seus filhos, inclusive os menores, para a guerra, sacrificando seu coração de mãe, como as matronas de Esparta outrora fizeram. No contexto do período colonial e dos conflitos bélicos entre Portugal, Holanda, França e Espanha, inscreveram-se outras trajetórias femininas que lançam luz sobre as diferentes formas de participação da mulher no curso da história nacional, tais como Maria Cezar, participante da insurreição dos patriotas pernambucanos (1645), Lourença Tavares de Hollanda, envolvida na Guerra dos Mascates e Maria Úrsula de Alencastro, que viajou para Portugal e se tornou militar atuante na defesa das colônias portuguesas, inclusive no Oriente.

Há, certamente, uma ‘ressignificação’ das guerras coloniais e o reordenamento da agência e importância de atores sociais anteriormente rechaçados à margem dos processos que culminaram com a definição territorial do Brasil colônia. A terra explorada pela Coroa portuguesa, enquanto um ambiente hostil e desconhecido, teve mulheres que se empenharam pela construção e formação da sociedade brasileira: “Um homem forma homens pela fraternidade, amparando o seu país; é disso que se origina o civismo.” Por seu turno, “a mulher participa do todo, como agente da moral. É dela que vive a alma da sociedade, portanto, na guerra, como na família e ainda na própria humanidade, torna-se a sacerdotisa divina que entoia hinos à virtude (SABINO, 1899, p.41).

A Inquisição não passou despercebida à pena de Sabino, com as “Mártires Brasileiras”, a escritora demonstrou que o Tribunal do Santo Ofício atuou ferozmente no Brasil, tendo sido especialmente cruel com as jovens mulheres, dentre as quais, “não menos de onze meninas menores de vinte anos, tendo entre elas três de dezesseis primaveras, mais uma de treze anos, conquanto inconscientes, foram tidas como culpadas de

israelismo, sendo por isso encerradas em cárceres tão negros como o do inferno de Dante” (SABINO, 1899, p. 78).

No campo das letras, Ignez Sabino fez questão de inscrever os nomes das escritoras que estiveram atuantes desde o período colonial, tais como Angela do Amaral, primeira poetisa brasileira, cega de nascença e pobre e Beatriz Brandão, prima-irmã de Marília de Dirceu, envolvia-se na política e influenciava as eleições. No período imperial, a já citada Nísia Floresta, a Baronesa de Mamanguape, Délia, a teatróloga Maria Ribeiro, Corina Coaracy, Gracia Emelinda e Albertina Diniz e Maria de Lima das Mercês, uma mulher mestiça, sem família e pobre, foram os exemplos destacados por Sabino para envolver a leitora num mundo povoado por escritas e cultura feminina.

Ao mencionarmos a cultura feminina, a chave de entrada para os comentários de Ignez Sabino sobre a queda da Monarquia e a ascensão do governo republicano foi representada por Thereza Cristina, a Baronesa de Loreto, Imperatriz do Brasil. A narrativa do dia 15 de novembro de 1889 se oferece como um dia violento e especialmente decisivo para a Imperatriz e todas as outras mulheres; para dimensionarmos tal aspecto, não podemos nos furtar de citarmos, ainda que longamente, as impressões que Sabino teria captado do fato, como contemporânea da proclamação e, outrora, defensora de ideais republicanos:

Quando, porém, chegou o lúgubre dia 15 de novembro de 1889, em que, pela atitude da ocasião, o general Deodoro gritara com sua voz de autoridade: ‘Viva a República Brasileira’, a vaga popular maquinalmente elevou os olhos para o Paço da cidade, embora a Imperatriz se achasse em Petrópolis a passar o verão. (...)

O simples fato de cair a monarquia, que perdurara anos, alarmou a população, sobretudo a alma feminina, receptáculo da alheia dor a que se condeou a cruciante mágoa que deveria abater a alma da ilustre soberana, a primeira das mulheres ilustres do Brasil (SABINO, 1899, p. 148)

Poderíamos indicar, a partir do trecho citado, uma série de conseqüências para as interpretações do processo de transição da Monarquia para a República, pois como já mencionado, a mudança de regime política era vista como promessa de participação na política formal para as mulheres. No caso específico de Ignez Sabino, a percepção da falha do governo republicano em ofertar condições legais de acesso ao voto feminino causou imediatamente revolta e, depois, uma importante alteração em sua orientação política, um recuo em *Noites Brasileiras* (1897) e, logo em seguida, o que pode ter influenciado sua escrita de *Mulheres Ilustres do Brasil*, um ataque, ainda que velado, demonstrando uma inconstância em seus julgamentos sobre a República no Brasil, ou, talvez, receio em atacar frontalmente o governo.

A proposta interpretativa seria pensar que Ignez Sabino preferiu fortalecer o governo republicano nesses anos iniciais de aumento das incertezas, ao invés de confrontá-lo e exigir prontamente conquistas que se mostravam distantes, como o voto feminino, em vista da negativa brutal da Constituição de 1891 em relação à conquista desse direito. A República ainda era um projeto de futuro, embora sem grandes conquistas para as mulheres, apontava alguma perspectiva de mudança política e social e essa pode ter sido a aposta de Sabino.

A política nacional e tentativas de análise da República brasileira não saíram do horizonte literário da escritora baiana e isso se mostra evidente com o romance *Lutas do Coração* (1898) e sua análise da situação social e política do país, enunciada logo no início do romance, quando duas personagens masculinas, Hermano e seu tio, o Barão de Santa Júlia, comentam o “novo advento político”, a República, pontuando sua quase inevitabilidade após o 13 de maio de 1888 e a crise política suscitada pelo fim da escravidão (SABINO, 1999, p. 63-64).

Por outro lado, o prefácio de Alberto Pimentel (SABINO, 1898) desconsiderou as inspirações políticas e feministas de Ignez Sabino, marcas patentes de sua escrita, e estabeleceu dois polos constituintes do enredo, o campo psicológico, enunciado pela própria Sabino na epígrafe do romance “este modesto estudo de psicologia” e a descrição da atmosfera, da paisagem e do clima brasileiro, com montanhas majestosas,

vegetação tropical, rios e a “brandura dos sentimentos” inspirados pela sublime beleza tropical. Este seria o substrato para o desenvolvimento de uma literatura genuinamente nacional e especialmente escrita pela mulher de letras brasileira, argumenta o prefaciador. Saberemos que a sugestão interpretativa oferecida por Pimentel estará no horizonte dos anseios literários de Ignez Sabino ao confrontarmos textos posteriores da escritora: “Para a mulher, no Brasil, a paixão das letras é talvez mais do que uma predileção de espíritos delicados: será porventura um longo sonho da imaginação acalentada pelos esplendores fantásticos da natureza americana e pelos hábitos mimosos e languidos da vida brasileira” (PIMENTEL, 1999, p. 39). Este seria um dos pontos trabalhados no romance, mas está longe de esgotá-lo.

A natureza brasileira influenciaria, portanto, os sentimentos e consequentemente a escrita literária, e diante disto haveria uma proposta estética e uma releitura feminina da nacionalidade brasileira (uma proposta de literatura, de nação):

A mulher brasileira, mais subjetiva do que a mulher da Europa, é frequentemente poeta e psicóloga, quando auxiliada pela educação, se entrega ao prazer das letras. Ela não escreveria decerto alguns dos livros de Madame de Stael, *Considérations sur la révolution française* e *De L’Allemagne*, por exemplo, mas produz versos delicados como D. Narcisa Amália, esculturais como D. Francisca Júlia da Silva, singelos como D. Zalina Rolim, evangelhos da religião do lar, como o Livro das Noivas de D. Júlia Lopes de Almeida, romances de costumes locais como os desta mesma ilustre dama, esposa de um poeta e irmã de outra escritora, e como os de Ignez Sabino, a distinta autora das *Lutas do Coração* (...) (PIMENTEL, 1999, p. 43)

Todavia, nossa interpretação é a de que o romance *Lutas do Coração* revela uma faceta fundamental do feminismo e do projeto político-literário de Ignez Sabino, que nos auxilia a compreender o “todo” de sua obra: o triunfo da racionalidade da mulher moderna, da “Nova Mulher” de fins

do século XIX. A mulher moderna foi uma pauta recorrente nos escritos das feministas de fins do século XIX e início do século XX. Foi título da já mencionada obra de Josephina Álvares de Azevedo e no romance de Sabino e vimos no capítulo anterior que Zefa intitulou sua obra mais importante, do ponto de vista da luta pela emancipação feminina, como *A mulher moderna*, lançando com esse título uma síntese das demandas dessas novas mulheres de fins do século XIX. Houve um movimento no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos demandando maior participação política feminina e em uníssono as mulheres se autoproclamaram como a “Nova Mulher”, ou seja, no fim do século XIX as mulheres começaram a questionar de forma mais direta e mais assertiva sobre as razões pelas quais elas se encontravam numa situação subalterna e instigaram, nos jornais e na literatura, produzidas por elas, um discurso reverso em resposta ao discurso dominante da maioria hegemônica. Nesse processo, mulheres intelectuais de fins do século XIX exploraram formas de acessar espaços públicos de discussão mais amplo.<sup>12</sup> Assunto para outras conversas, mas que acrescenta argumentos favoráveis à nossa interpretação do projeto literário e historiográfico, por assim dizer, de Sabino e seus propósitos de estudo das trajetórias de mulheres brasileiras e seus protagonismos na história nacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os breves apontamentos sobre a vasta obra de Ignez Sabino pretenderam suscitar um debate mais específico acerca de sua contribuição para a escrita da história das mulheres e para a interpretação da sociedade brasileira do século XIX. Considerando todas as limitações para a inserção das mulheres neste campo do conhecimento, Sabino abre uma fresta pela qual podemos vislumbrar a atuação, sempre presente ainda que precária ou marginal, das intelectuais brasileiras do século XIX.

A invisibilidade das mulheres como intelectuais e, consequentemente, de suas produções configuram dois aspectos importantes para considerarmos o problema posto pela produção literária e historiográfica

---

<sup>12</sup> Uma discussão aprofundada encontra-se em Ramday (2015).

de Sabino no século XIX, em contraponto à produção de autoria masculina. Assim, quais teriam sido as possibilidades de uma mulher historiadora no século XIX? Levantamos hipóteses e interpretações durante este texto. A historiografia brasileira, segundo Honório Rodrigues em *Teoria da História do Brasil: uma introdução metodológica* (1949), seguia a mesma interpretação que havia sido oferecida pelas histórias da literatura brasileira, desde o século XIX, com Sílvio Romero (1888), e início do século XX, com José Veríssimo (1916), ou seja, a história como uma variedade de prosa, no interior da produção oferecida pelo IHGB: o universo masculino dos homens letrados (NICODEMO, 2018). Ademais, exigia-se uma índole cívica e disposição moral para ser historiador, (OLIVEIRA, 2018), o que nos parece que Sabino sempre demonstrou, aja vista os exemplos anteriormente citados. Assim, com o estudo sistemático do conjunto da obra de Ignez Sabino torna-se possível vislumbrar a sua contribuição para o pensamento social do Brasil no século XIX, lançando interpretações sobre a formação da nacionalidade e o papel das mulheres brasileiras.

## REFERÊNCIAS

- A ESTAÇÃO: JORNAL ILUSTRADO PARA A FAMÍLIA, Rio de Janeiro (1879-1904). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- A FAMÍLIA, São Paulo-Rio de Janeiro (1888-1894). Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- AZEVEDO, Josephina Álvares de. *Galleria Illustrate: Mulheres Célebres*. Rio de Janeiro: Typ. a Vapor, 1897.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, Carla. *Resquícios de memórias: dicionário biobibliográfico de escritoras ilustres cearenses do século XIX*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019.

- DAFLON, Verônica Toste & SORJ, Bila (orgs). *Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.
- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves [et al]. *Suaves Amazonas: mulheres e abolição da escravatura no Nordeste*. Recife: Editora Universitária UFPE, 1999.
- GALENO, Henriqueta. *Mulheres do Brasil*, 05 volumes. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971.
- GUIMARÃES, Ruth. *Mulheres Célebres*. São Paulo: Editora Cultrix, 1960.
- GOMES, Raquel Gryszczenko Alves. *Olive Schreiner, literatura e a construção da nação sul-africana, 1880-1902*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2010.
- HALE, Sarah Josepha Buell. *Women's record: or, Sketches of all distinguished women, from "the beginning" until A.D. 1850: arranged in four eras: with selections from female writers of every age*. London: S. Low, 1853.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil. In: SUSSENKIND, Flora & DIAS, Tânia & AZEVEDO, Carlito (orgs.). *Vozes femininas: gêneros, mediações e práticas da escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras: Fundação Casa Rui Barbosa, 2003.
- JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro, 17, 18, 20 e 27 de setembro de 1902.
- LIBLIK, Carmem Silvia da Fonseca Kummer. *Uma história toda sua: trajetórias de historiadoras brasileiras (1934-1990)*. Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Paraná, 2017.

- MACEDO, Joaquim Manuel. *Mulheres Célebres*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, Livreiro-Editor, 1878.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- NICODEMO, Thiago Lima & SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos & PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. *Uma introdução à história da historiografia brasileira (1870-1970)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
- OLIVEIRA, Maria da Glória Oliveira. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- OLIVEIRA, Maria da Glória Oliveira. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. *História da Historiografia*, v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018.
- PIMENTEL, Alberto. “Prefácio”. In: SABINO, Ignez. *Lutas do Coração*. Atualização do texto e notas por Susan Canty Quinlan. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- RAMDAY, Morna. *Man up: a study of gendered expectations of masculinities at the Fin de Siècle*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015.
- SABINO, Ignez. “A civilização e a poesia”. *A Família*, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1890.
- SABINO, Ignez. *Mulheres Ilustres do Brazil*. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1899.
- SABINO, Ignez. “Direitos Femininos”. In: *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1906*. Lisboa: Pareceria Antonio Maria Pereira, 1905
- SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. *Brasileiras Célebres*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

- SILVA, Laila Thaís Correa e. *Dos projetos literários dos “homens de letras” à literatura combativa das mulheres de letras: imprensa, literatura e gênero no Brasil de fins do século XIX*. Tese de Doutorado em História Social. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2021.
- SMITH, Bonnie. *Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica*. Tradução de Flávia Beatriz Rossler. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- TAKAK, Fani Miranda. Retórica e poder: o paratexto prefacial de autoria feminina no Brasil do século XIX. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, p. 446-452, out-dez. 2014.
- VIGNERON, Frances Hale. *Studying for survival: Sarah Josepha Hale, American’s first woman editor*. Chapel Hill, N.C: Professional Press, 1993.

Texto recebido em 21/09/2021 e aprovado em 22/12/2021